

Funções de um objecto

na comunicação visual

Na civilização em que vivemos estamos rodeados de objectos com as suas mensagens incorporadas. Se quisermos sistematizá-las, podemos referirmo-nos a elas consoante o nível de linguagem, seja **conotativo** ou **denotativo**.

As primeiras estão dirigidas, geralmente, ao nosso desejo de posse e variam quanto ao género de posse a sugerir: promoção social, inteligência, juventude, etc. As segundas permitem-nos identificar a função do objecto e variam quanto à natureza do produto.

O objecto de uso pessoal, desempenha um papel importante de identificação do indivíduo fora de casa. O possuidor de determinados objectos sabe que estes lhe podem proporcionar um tipo de tratamento diferente, por parte daqueles a quem se dirige e especialmente a quem pretende impressionar.

Na sociedade actual existe uma hipervalorização do objecto, cuja posse nos faz permanecer dentro dos cânones sociais admitidos e propagandeados.

O papel atribuído ao objecto é a criação de um universo artificial, adaptado à nossa escala e aos nossos interesses. É através dos objectos que se **transmitem** os próprios modelos culturais, o próprio gosto, no qual se baseia a riqueza económica. É também através deles que o homem conserva a sua **memória e identidade**. Por isso, o objecto perdeu a sua identidade funcional, na medida em que é **consumido** em função de outra coisa.

Funções do objecto

Quando analisamos um objecto temos que distinguir as várias funções que nele encontramos, o que podemos realizar, recorrendo à sua classificação em funções principais e funções secundárias, conforme o seu papel na definição tipológica do objecto. Assim à função principal de um dado objecto, juntam-se-lhe outras em extensão.

Função principal: está ligada à essência da utilização de determinado objecto.

Função secundária: é a capacidade suplementar do objecto apoiar ou alargar a realização da função principal.

De uma forma abrangente podemos nomear três tipos de funções: **prática**, **estética** e **simbólica**. Se, por exemplo, pensarmos numa escova de dentes, sabemos que a sua função principal é de ordem prática.

Aqui podemos referir a sua função prática enquanto função operativa.

Função operativa: capacidade de realização de uma determinada tarefa, na qual o objecto é produto auxiliar e extensão do próprio corpo.

Se utilizarmos vários objectos, escovas de dentes, na realização de uma instalação, numa galeria de arte, a sua função principal será de ordem estética. se fizermos um slogan do tipo: “cuida dos teus dentes, como cuidas das tuas armas” e lhe acrescentarmos a imagem do objecto, escova de dentes, a função principal será de ordem simbólica.

Se tomarmos como exemplo uma caneta, sabemos que com ela conseguimos realizar uma determinada tarefa: escrever. Esta pode ser a sua **função principal**. Mas há canetas de várias formas materiais e preços.

Dependendo destes factores, à sua função principal podemos incorporar uma **função secundária**. Assim a caneta, para além do seu carácter operativo, assume um carácter simbólico, na medida em que o objecto em questão é consumido em função de outra coisa, onde se incorpora um nível de linguagem conotativo, relacionado com o desejo de posse.

Valores individuais e sociais atribuídos a um objecto.

Através dos bens que as pessoas escolhem
pode-se construir um **conjunto de
significados** que traduz a parte visível da
sua cultura.

Através dos objectos, podemos considerar aspectos através dos quais retiramos determinadas informações sobre o seu utilizador ou possuidor e sobre a sociedade a que pertenciam ou pertencem.

Sobre as informações retiradas de um dado objecto podemos aferir aspectos tais como:

- a **função** a que se destinava/destina;
- o avanço **tecnológico** e os processos de produção;
- as **atitudes** face ao trabalho;
- os **recursos**;

- o tipo de **sociedade** (rica ou pobre, culta ou ignorante, imaginativa ou trivial, hierárquica ou democrática, etc);
- os **valores** simbólicos que veicula;
- as preocupações ambientais;
- o desenvolvimento **socio-económico**;
- as preocupações com o **bem-estar** físico e psicológico;

-as atitudes face ao **lazer**;

-os valores **não utilitários** do seu possuídor, ou da sociedade a que pertence (os julgamentos de valor dizem o que as coisas valem por relação a um sujeito consciente: o valor de uma coisa será o valor dos efeitos que ela produz no sujeito- os julgamentos de valor têm, portanto, um cariz subjectivo-emocional).

O objecto de uso sem abdicar da sua funcionalidade, que é o seu fim imediato, procura ainda agradar: aspirar a uma função estética. Logo, os produtos escolhidos e utilizados por um indivíduo ou sociedade, transmitem implicitamente os valores desse indivíduo ou sociedade.

*“ Nunca se consome o objecto em si;
manipulam-se sempre os objectos como signos
que nos diferenciem, seja por aplicação do nosso
próprio grupo tomado como referência social,
seja para nos demarcar do nosso próprio grupo
por referência a um grupo de estrato superior”*

Jean Baudrillard

Fim